

Quando pinto

Trabalho de Conclusão de Curso
Escola de Belas Artes / UFMG
Belo Horizonte 2018
Orientação: Christiana Quady

Laís Renófio



tecido

Trama, rede, cadeia de fios, a tela é cama e morada para as aguadas de tinta. Tecido colorido, florido, estampado, a Chita, vira minha base de cor, me dá um caminho a seguir, cada um com suas inúmeras flores, vezes grandes, outras pequenas, cores fortes, vibrantes, mil e uma combinações, e a partir dele que sei que cor usar, que cor misturar e criar. Cada uma vai me mostrar pra onde ir, mesmo que eu as vezes me perca, em meio a tantas formas, cores e ilusões de tons. Meu pano de fundo, meu plano de fundo. Confuso. A chita é um tecido de trama larga, sendo assim é um tecido translúcido, então se colocado contra luz podemos ver através das suas cores. Sua transparência deixa a luz passar, deixa tudo às claras, mostra o caminho até ali, você pode ver o que está por trás, não esconde o processo, dá pra ver tudo. Se mostra.



corpotecido

O tecido então já é uma pintura, já é composição, cor, forma... já é um corpo. Eu interfiro, crio um novo corpo nesse corpo já existente. Nesse corpo florido nasce e floresce um outro único, um que é flor e figura, que é volume, que surge e aparece e desaparece, que incorpora no fundo, no tecido, e ganha movimento e liberdade. Liberdade que se confunde ou que se dá com o movimento do tecido solto, livre, como num varal, sentindo o vento passar e criando a sua dança, seu movimento próprio. Um movimento parado, um estar. Pra dançar eu só preciso estar. Estar presente de corpo e alma, de corpo e tecido, de corpo e vento, movimento.



corpo

Pinto esse corpo vivo, corpo estruturado, de carne, de fibra, de tinta do que for. Corpo de cor, flor, presença, movimento, cheiro, volume, água e tinta que escorre, acerta e erra. Corpo de tronco e membros, orgânico, com camadas de sentimento, desejos, individualidades, cada um é um, nada, ninguém e nenhum outro igual. As partes que já não pertencem a mais ninguém, às pego para mim, e compongo com as formas e flores, crio o meu corpo, o de tinta, que também pulsa e te ilude. Esse que crio entendendo cada canto, cada dobra, estria, pinta, vou conhecendo esse corpo estranho, explorando sua pele toda, sentindo sua fluidez, seu caminho que caminho com o pincel tentando acompanhá-lo, cada canto uma descoberta, um lugar só desse corpo, só dele mas que a gente compartilha, se entrega, se mostra um para o outro e se reconhece.



pele

Pele, cheiro, calor, contato, eu e outro. Camada protetora, camada de tinta fina, macia, molhada, encharcada, suando e escorrendo. Enrugada, rabiscada, escura, clara. Com mancha, com machucados, cicatrizes, deslizes de pincel. Quase sempre quente. A mesma pele que me toca, eu toco, com um toque de azul, outro toque de amarelo. Eu troco, quando toco.



linha

Num movimento com o olhar encontro uma linha, que caminha e vira peito, continua e se encontra com a próxima que já é braço, fico presa na sombra e desço pro cotovelo. Sigo mais a diante e a linha do pulso, quase que sinto um toque macio assim que vejo os dedos, quase sumidos, tímidos, que vão se abstraindo em meio ao turbilhão de cores, flores e mais linhas. Linha de direção, de esboço, riscos perdidos, que me confundem (mais ainda), um emaranhado de caminhos que não sei por qual seguir, decidir pra onde ir, como ir, qual linha seguir. Deixa seguir, deixa fluir, e a linha me leva, nem sempre é realmente pra onde eu deveria ir, então pego outra linha, troco de linha, desço em outro lugar, as vezes desconhecido, e aí eu exploro, ganho território, e preencho a trama, a linha do tecido, do desenho, do caminho, a linha do corpo.

confunde

Me confunde, o tanto de
cor, de espaços, combi-
nações... me perco em
lugares de luz que escu-
recem e lugares de som-
bra que ainda tem mui-
ta luz, mas de camada
em camada eu me acho.



cor

Tem azul, tem verde, vermelho, rosa, roxo, tem laranja, tem amarelo, todas, ou quase todas as cores. Num fundo preenchido por várias delas vibrantes, vivas, presentes formando as flores fortes estampadas no tecido. Essas cores rasgadas são fundo para uma outra cor única de tinta, uma cor única que ao encontrar com as do tecido criam-se outras, e outras, e mais outras a cada pincelada. O tom muda a cada movimento, as cores se fundem e vão revelando aos poucos o corpo, que vem nascendo das pinceladas carregadas de tinta, de água, de cor de fundo.



todas as cores

Eu quero todas as cores
do mundo, eu quero criar
cores com todas as cores,
quero misturar as cores e
ver quais cores vão dar. Eu
gosto de cor, eu gosto de
quando um raio de sol bate
na pele, e vibra, ressalta,
queima, e arde, em cores.

equilíbrio

Equilíbrio é estar em movimento, e nesse movimento, num balanço de ir e vir, não cair. Não ter peso que não se compense, não ter importância maior em nenhum movimento, pincelada, ou cor. Um todo feito de partes, e que cada parte faz sua parte, e que quase se igualam ao fim. Esse equilíbrio pra mim começa na quantidade de água no pote, das minhas costas retas, no volume da música, no meu pensamento, leve mas atento. Começa onde eu estou, no meu corpo pronto e preparado nesse espaço, onde tudo que vejo está em harmonia, afinado para que então eu possa começar a sair do equilíbrio. Sair do equilíbrio a cada pincelada. Um movimento que tira a estabilidade e o controle. Mexe, muda, tira o chão, vai pra outro lugar. As pinceladas vão se encontrando, misturando a tinta, a água, em movimento, vários desequilíbrios. Dou um passo para trás e vejo, o resultado estável, e inalterável. Corpo sem oscilações, controlado, desenho definido. Equilibrado. Equilibrado de flor, de cor, o corpo de pinceladas desequilibradas se equilibra nas flores. Se funde no fundo. Cria-se uma relação entre as cores que depois que toco a tela não depende mais de mim, se misturam. Se equilibram.



corpoequilibrio

O corpo que vem como um véu
por cima das flores do fundo não
pode dizer mais e nem pode di-
zer menos do que elas, os dois,
harmonicamente, formam uma
outra e única coisa só, um cor-
po único, um outro corpo único,
quando ninguém é mais impor-
tante do que o outro, onde um faz
parte do outro e se equilibram.



plano de fundo

Já de cara é pintura, é flor, cor, forma. Isso se repete e repete. Um pano de fundo florido, cheio de informação, de caminhos. Não é vazio. Eu não quero estar no vazio. É como um jardim só meu. Aquele que só a gente enxerga o que tem nele, as cores mais belas, o respirar de cada flor, ver nascer. Saber esperar, e desabrochar. É meu plano de fuga.

ilusão

A pintura me ilude, me faz ver o que não tem, me faz criar algo inexistente. Me força a procurar uma forma. Me leva para um mundo só meu, onde vou enxergar essa forma do meu jeito, movimentar meu olhar no meu ritmo e seguir um caminho só meu. Crio a minha fantasia, me deixo iludir pelas cores e flores, um sonho, um devaneio onde eu vou me perdendo nos volumes, tons e cheiros, mergulho fundo numa promessa de prazer visual. Sou iludida, a imagem que está no controle e tem vida própria, me ilude até que em um certo momento de tanto procurar algo, esgota, e nessa exaustão, como um golpe, num piscar de olhos, eu combino as cores, eu uno as linhas, vejo o caminho traçado, tudo se esclarece e é revelada uma imagem, reconhecível, uma forma, um corpo, aquele cheio de sentimento, de linha, de tinta, caminhos, volumes oscilantes, sombras e cores. Ela ilude a ponto de eu me perguntar se é isso mesmo que eu quero ver, se é isso mesmo que eu tenho que fazer, se é real. Fico desiludida. Mas logo me iludo de novo. E de novo. E de novo.

me iludo

As vezes me iludo. Me iludo com a tinta molhada que engana seu tom. Me iludo com a camada que some. Me iludo ao pensar que já secou quando ainda esta encharcado. Me iludo a cada vez que acho que esta pronto e encontro mais uma camada.



fazer

São muitos dias, vários dias, as camadas são finas, sutis e incontáveis, cheias de água, bem diluídas, para que assim elas dancem com a translucidez do tecido. O ritmo é lento e o caminho é longo, quando preciso da sombra mais escura, preciso de mais, mais de quase tudo, mais camadas pesadas, mais numerosas, muito mais, mas, menos líquidas. Quando preciso de luz eu preciso de menos e de calma, a pincelada é leve tão leve quanto uma pluma. É sutil, tão líquida e quase limpa. Cada uma tem seu ritmo, sua intensidade e é como uma dança, uma música... com momentos graves, escuros e retraídos, e os agudos, luminosos e expansivos, eles se juntam com as cores e flores e criam esse corpo. Corpo que demora. Corpo que tem seu próprio tempo, que aparece e desaparece mas que quando vem pra ficar, fica. Fica. E não sai. Não tem mais para onde fugir. E então depois que ele está ali eu me deixo levar, ele me leva, me conduz nessa dança que só a gente sabe dançar, não dá pra explicar.

rio de tinta

O tecido recebe a tinta, a tinta que agarra nos fios da trama e cria uma camada, cria um véu. Esse véu de cor, que revela entre as inúmeras pinceladas um volume, um corpo. Cada espaço do tecido demanda um cuidado, já é um tecido com muita informação, com muitas cores, é preciso pensar na união delas todas, na combinação e nas regras básicas de mistura de cor. Dentro da minha figura nenhuma cor acaba pura, elas se misturam, criam-se inúmeros tons das mesmas, e inúmeras combinações, se pinto com verde, num tecido laranja, azul e preto, cada combinação vai me dar algo novo, cada encontro do verde com as outras três vai me dar um resultado diferente, e me revelar a figura no mesmo momento que confunde o meu olhar. Crio limites para as inúmeras pinceladas, limites para as interseções, imagino as linhas como a margem de um rio, que a cada pincelada que corre por dentro é uma enchente, e as margens desse rio precisam aguentar firme para que ele não transborde e vaze, e crie a sua própria margem vazando o caminho transbordando para outros mares. Sem os limites de cor e tons a imagem se perde, se dissipa.



me encontrando

Em menos de um mês minha vida tinha mudado, nova cidade, novos caminhos, novas pessoas, tudo diferente. Fui me encontrando, me adaptando. Quando vi já fazia parte daí, daqui. Tudo já me pertencia. Um começo leve, de descobertas da vida, de mim e de arte, que antes eu nunca tinha nem sonhado. Angustias, medos, verdades. Dúvidas sobre tudo. Fui criando meu espaço, fui me posicionando e me encontrando, e me encontrando encontrei pessoas e lugares que me mudaram, me mudaram no sentido de abrir meus horizontes, de me dar possibilidades de escolha, me mudaram me amando e eu amando de volta, me mudaram por sorrir pra mim de manhã num dia que não começou muito bem... e assim fui crescendo pra quem sou hoje, pra quem hoje é grata por todos os pequenos detalhes, por vezes poucas, mas belas palavras, pelos abraços, pelas saudades, pelos amores e paixões, pelo conhecimento da arte, que amo tanto. Mas, nem tudo foram flores, mesmo eu tendo tantas flores em minha volta. Sentir saudade de um almoço em família num domingo chuvoso não é legal, mas a gente aprende que o amor é muito maior. Ouvir certas críticas também é algo que temos que lidar, que temos que filtrar e aprender com elas, independente de quem esteja com a fala. Eu tento sempre me afastar do que não está me fazendo bem, e seguir. Seguir no que eu acredito. No que me faz bem, no que me faz sorrir. E agora eu tô com aquele meu sorriso de que conclui uma tela, de que conclui também um pedaço dessa jornada, mas eu também sei que tá só começando, eu sei disso.

agradeço

Agradeço de forma inexplicável à minha mãe, que eu sei que sempre está pensando em mim. Agradeço à minha orientadora querida, Chris, que sempre me apoiou, acreditou no meu trabalho de maneira tão verdadeira e carinhosa, me fazendo assim acreditar e confiar no que estou fazendo como artista. Agradeço também aos meus irmãos, que são para sempre. Aos meus amigos, aqueles que só passaram, e aqueles que são para sempre também. Agradeço aos professores, que acreditam na arte e na beleza de educar. À UFMG, onde descobri tanta coisa, onde mudei, onde cresci e me formei. Eu não poderia estar mais grata.